

Bibliotecários construindo o novo normal¹

David Lankes

Doutor em Information Transfer pela Syracuse University. Professor e Diretor da School of Information Science da University of South Carolina.
rdlankes@gmail.com

Olá e obrigado por me receberem. Quero agradecer o dr. Prado, não só pelo convite, mas por ser também um grande colaborador por estes anos.

O tema de hoje é: "Bibliotecas para um Mundo Melhor". E depois do ano passado, eu adoraria viver num mundo melhor. Depois do ano passado, um mundo sem COVID seria ótimo. Sem o isolamento da pandemia, sem as perdas e o medo seria melhor. Um mundo melhor onde saúde pública não se mistura com ideologia política e onde usar máscara não é uma posição política.

Um mundo melhor onde a economia não é inimiga do meio ambiente e onde a cor da sua pele ou seu local de nascimento não determinam seu futuro.

Um mundo melhor onde podemos explorar ideias amar quem queremos e ser quem nós somos. Um mundo melhor e mais justo onde nações buscam prosperar juntas e não tomam o que desejam à força. Onde usamos a internet como uma plataforma global para compartilhar e agregar, e não para colher dados e monitorar. Um mundo melhor onde buscamos pontos em comum enquanto comemoramos nossas diferenças.

Porém, o mundo não vai melhorar sozinho. E ter bibliotecas não bastaria para trazer o mundo que queremos. Bibliotecas existem, de alguma forma ou outra, há milhares de anos, e não geraram a utopia que almejamos.

Não. Se queremos um mundo melhor, temos que participar para torná-lo melhor. Nosso mundo atual exige que repensemos o papel da biblioteca. Que reconhecemos que o real poder de mudança da biblioteca não está nos livros ou nos prédios, mas em vocês, os bibliotecários. Bibliotecários dedicados aos valores de aprendizagem, transparência, diversidade, honestidade intelectual, e liberdade intelectual e segurança.

O mundo atual está fragmentado e sofrendo, e bibliotecas são uma das poucas instituições que restam para ajudar a remendar estas comunidades e cooperar para criar um mundo melhor. Por tempo demais, nos definimos como pontos de acesso, como locais

¹ Roteiro da palestra proferida pelo autor no dia 12 de março de 2021, no canal no Youtube da FEBAB. Disponível em: <https://youtu.be/KkC1pOxehZw>. Tradução e legendagem de Bruno Fantini.

que reúnem materiais e fornecem espaço para acessar informação. Informação não é o suficiente. A informação não tem consciência, capacidade de ver consequências ou questionar uma ligação com a realidade. Pontos de acesso à informação não têm empatia ou dedicação à missão maior de gerar uma economia solidária. Informações e dados são coisas que podem ser colhidas, empacotadas e monetizadas. Embora dados e informações sejam importantes, bibliotecários não estão no ramo de informação. Nosso negócio é conhecimento.

Conhecimento não pode ser registrado, catalogado e arquivado como recipientes estéreis. Conhecimento é paixão e o impulso perpétuo que existe em nós seres humanos para compreender melhor e tentar controlar nosso destino, e, derradeiramente, para acharmos significado.

Está na hora de criarmos um mundo melhor através do engajamento direto com nossas comunidades, sejam as comunidades que vivem nas ruas de São Paulo, nos fóruns das universidades, nas salas de aula das escolas primárias ou em quartos de hospital.

Alguns vão ouvir este apelo e dizer que estou pedindo demais de vocês. Podem dizer que minha visão da biblioteconomia é ampla demais, e extravasa da missão central de compilação para o mundo turbulento de política e ativismo. Compreendo a hesitação. Mas o papel de bibliotecários como ativistas é antigo e deriva dos nossos valores centrais.

Uma iniciativa na Austrália busca definir o papel de bibliotecas no apoio à saúde e ao bem-estar de comunidades. Ao pensar em formas como bibliotecários e bibliotecas podem promover saúde, bibliotecários logo falaram de acesso a livros, bancos de dados e materiais sobre saúde. Se você tem câncer ou pressão alta, vá à biblioteca para saber mais sobre sua condição. O pensamento é: mais dados sobre manter uma vida saudável vai gerar uma comunidade mais saudável.

Mas quando perguntaram às pessoas da comunidade, achar dados sobre saúde não é o problema. Além das coleções na biblioteca, a internet contém milhões de documentos sobre toda condição que você possa imaginar. O problema real da comunidade não é achar dados sobre saúde ou determinar a qualidade dessa informação, embora essa questão é de fato um problema. O dilema é como agir com base nas informações. Como ir ao médico, comprar remédios acessíveis ou buscar apoio. Essa era a carência.

Quando a ideia de amplificar as vozes da comunidade como uma estratégia para promoverem, os bibliotecários reagiram. Parecia demais com engajamento, com um

ativismo que promovesse mudanças políticas e governamentais. Disseram que este não é o papel dos bibliotecários.

Mas nesta mesma iniciativa, bibliotecários indicaram que contação de história é uma habilidade chave. Poucos bibliotecários argumentariam que contação de história não é central para este ramo. Reunimos histórias na forma de ficção e não-ficção, e em artigos de pesquisa que contam a história de experimentos e descobertas. Realizamos programas de contação de história e convidamos autores para falar com a comunidade.

Na saúde, comunidades estão lutando para obter atendimento. Essas lutas são histórias. Se você não gosta da ideia de ser um ativista, então se veja como uma plataforma forte para amplificar as histórias da comunidade. Por séculos, bibliotecas amplificam as histórias de autores renomados. É hora da biblioteca virar uma plataforma para as histórias e experiências da comunidade, do aluno com dificuldade ao advogado mais culto. Nosso papel não é mais reunir as histórias de elite de vozes fora da comunidade. Esse papel é importante, mas atualmente devemos amplificar as vozes da comunidade. Devemos amplificar através de aprendizado, de criar ligações, e também, de ativismo.

Vamos voltar ao tema de hoje: um mundo melhor. Como este mundo é? Quem vai contar sua história? Qual é a narrativa da comunidade? É uma comunidade letrada? É criativa, artística, economicamente próspera? Está sofrendo? Está desconexa? Após criar essa narrativa comum, qual é próximo passo? Ao forjar uma nova visão do mundo pós-pandemia, o que fará se a narrativa da comunidade for sobre dor, sofrimento e privação de direitos? Vai simplesmente registrá-la? Vai tentar distrair a comunidade através de leitura e diversão? Ou vai se comprometer em educar e empoderar as diversas vozes da comunidade para melhorar o mundo?

Digo aqui que bibliotecas não são os depósitos da sociedade. São fontes de ruptura. Não acredita em mim? Pegue o conceito de competência em informação. Para alguns, significa educar as pessoas sobre os materiais, como comprovar a autenticidade do material, qual forma ele pode ter ou o que você pode fazer legalmente com o material. É competência em informação em sua pior forma porque encara a informação num âmbito legal. "Revisão por pares significa isso." "Copyright significa isso." "Procure uma data. Procure um autor."

A melhor forma de competência em informação é ensinar curiosidade cautelosa. É empoderar as pessoas a buscar a verdade e se tornarem céticas sobre o que encontram neste processo. Queremos interromper este ciclo de consumo de informação onde você

automaticamente confia no dado porque soa certo ou a fonte é de confiança. Queremos que a pessoa questione a narrativa, o mensageiro e também sua própria visão de mundo pré-determinada.

Veja nossas coleções. As melhores coleções acadêmicas do mundo estão cheias de mentiras e heresias. Não estão lá não por acaso, mas para que estudiosos treinados para buscar a verdade possam reconhecer o oposto. Estão lá para desafiar o aluno a romper com a narrativa aceita e se tornar mais crítico. Bibliotecas acadêmicas capacitam docentes e alunos a ver além do que é para o que poderia ser.

Nos EUA, bibliotecários de escolas hoje lutam contra o sistema Lexile no desenvolvimento da leitura. Uma medida Lexile é dada a um livro e supostamente corresponde à capacidade de leitura da criança. Bibliotecários sabem que o leitor deve se esforçar e até fracassar para ler além do seu nível. Alunos motivados tentarão e fracassarão várias vezes em textos de nível superior e, no final, expandirão sua capacidade e compreensão. Ruptura.

Bibliotecários buscando mudanças disruptivas trouxeram a ficção para a biblioteca pública, abriram espaços e criaram bibliotecas móveis em praias e favelas onde as pessoas precisavam e não onde o governo decidia construí-las. Uma força disruptiva que fez surgir a biblioteca pública, dizendo que o aprendizado não se restringia à elite.

Mas a ruptura não basta para melhorar o mundo. Destruir é um trabalho duro e importante, mas no final só produz gente fragmentada e cética. Bibliotecas devem ser fontes de ruptura e formadoras de um novo normal. Quero deixar claro que bibliotecas são só prédios e organogramas. Os bibliotecários devem ser fontes de ruptura e formadores de um novo normal.

Bibliotecários devem fornecer acesso a ideias novas e emergentes, sem esperar que sejam publicadas ou até escritas. E o acesso deve ser dar de duas formas. Bibliotecários devem ajudar a comunidade a acessar o trabalho e as ideias de outros, e promover uma plataforma para usuários mostrarem seu trabalho. Temos que descartar a distinção artificial entre leitor e autor, produtor e consumidor. O próprio ato de aprender é um ato de criação.

Todos nós somos criadores. Bibliotecários devem construir o conhecimento nas comunidades. Através de oficinas, de indicações de referências, e do fornecimento de materiais e programas, os bibliotecários devem preparar as pessoas para se engajarem numa conversa cada vez mais global sobre o que um mundo melhor deveria ser.

Como bibliotecários, devemos criar espaços - reais e virtuais - onde as pessoas possam se reunir, explorar, aprender e se sentir seguras no processo. Trata-se de promover uma sensação de segurança, mas mais importante, criar ambientes mediados onde pessoas possam debater assuntos complicados e sensíveis de forma honesta, mas civilizada.

Por exemplo, onde moro, em Columbia, Carolina do Sul, os bibliotecários organizam conversas difíceis sobre raça. Pessoalmente e agora por videoconferência, bibliotecários treinados reúnem negros e brancos para debater honestamente o racismo sistêmico na vida diária. Ex-supremacistas brancos sentam-se com anciões negros em busca de um mundo melhor. Por que na biblioteca? Porque bibliotecários conquistaram a confiança da maioria dos setores da comunidade.

Que outra organização cívica abrange gerações, profissões e classes sociais? Bibliotecários construíram esta confiança e abrangeram estas camadas sociais de propósito - por escolha. Acolhem a comunidade não porque são neutros, imparciais ou por obrigação, mas pela razão oposta. Eles têm como missão levar alfabetização, acesso e conhecimento aos mais necessitados. Mais uma vez, eles querem romper barreiras muito antigas criadas para separarem pessoas e depois construir uma comunidade nova e melhor com maior empatia entre seus membros.

Por fim, nós bibliotecários tentamos entender o que motiva aqueles a quem procuramos servir. Num mundo cada vez mais digital, onde a neurologia da motivação e o ciclo da dopamina viraram armas nas mãos de empresas para vender anúncios, bibliotecários buscam uma conexão profunda com a motivação intrínseca. Enquanto o Facebook usa teoria de jogos para atrair sua atenção, bibliotecários desejam liberar paixões nas pessoas. Paixões por leitura, por ciência, por entender, e por fim, pela capacidade de controlar seu mundo.

Sei que a mudança de fornecedor de informação para fonte de ruptura e reconstrução é assustadora. É assustadora porque nenhum prédio, coleção ou organograma pode ser uma fonte e um facilitador. São ações exclusivamente humanas. Estou pedindo para você se colocar diante da comunidade. O mundo melhor que desejamos não vai ser erguido por prédios ou coleções, mas por profissionais dedicados que buscam um futuro melhor. Temos ferramentas feitas de vidro, aço, papel e costura, mas é a conexão humana que cria os alicerces da confiança. Nenhuma disposição, banco de dados ou e-book vai começar a remendar nossa sociedade fragmentada. O negro deve

conciliar-se com o branco. A direita deve conciliar-se com a esquerda. Velhos e jovens devem se unir e trabalhar duro para achar um consenso e uma visão para o futuro. Pessoas vão ter que mudar suas ideias e atitudes. É nessa mudança que nosso valor deve ser medido.

Vou terminar com uma história. É uma história que me dá esperança. Em 2011, o povo egípcio saiu para as ruas para exigir reformas de um regime que estava no poder há quase 30 anos. Na cidade portuária de Alexandria, o governo soltou prisioneiros e mandou agitadores para atacar e minar a manifestação. Enquanto prédios queimavam e símbolos do governo eram destruídos, cidadãos da cidade - homens, mulheres e crianças - formaram uma corrente humana ao redor da biblioteca de Alexandria para protegê-la.

Os manifestantes pacíficos chamaram os bibliotecários e pediram para colocar uma bandeira de 9 metros nos degraus da biblioteca. Todos os dias, os manifestantes que iam lutar pela democracia tocavam a bandeira estirada nos degraus de concreto construídos pelo próprio líder que eles queriam tirar do poder. No final das manifestações, nenhuma janela foi quebrada e nenhuma pedra foi jogada contra as paredes da biblioteca. Porque nos anos em que esteve aberta, a biblioteca construiu um elo com a comunidade. Os bibliotecários construíram este elo. Erguida para ostentar a riqueza do presidente, ela se tornou uma ferramenta de libertação através do conhecimento.

Porém, antes de comemorarmos demais, saibam que esta revolução foi seguida por um golpe, e mais manifestações e restrições às instituições democráticas. Isso mostra que não podemos viver num mundo melhor para sempre. O mundo melhor que buscamos evoluiu constantemente e requer vigilância e reinvenção constantes.

Todos nós queremos viver num mundo melhor, mas para isso, todos devemos nos dedicar para criar um mundo melhor. O papel dos bibliotecários é especial aqui. Eles se dedicam ao conhecimento. Estão dedicados e inseridos dentro de comunidades. São profissionais que podem promover um debate civilizado sobre como podemos nos reunir para pensarmos melhor. Fazemos isso via engajamento e não guardando livros. Fazemos isso criando conexões e não coleções. Fazemos isso por dedicação aos valores que nos sustentam há centenas de anos e à constante reinvenção do nosso propósito.

Muito obrigado.